

## NOTAS DA BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA

### *Apocalipse 12 – 14*

\*\*\* **12.1—14.20** *O terceiro ciclo: sete histórias simbólicas.* Esse terceiro ciclo de visões consiste, primariamente, de histórias sobre personagens-chave que são simbólicas: o dragão, a mulher, a besta, o falso profeta, os cento e quarenta e quatro mil, arautos ou mensageiros angélicos e o Filho do Homem. Diferentemente dos ciclos de sete selos (5.1--8.1) e das sete trombetas (8.2--11.19), essas visões não apresentam números explícitos. Porém, como os ciclos precedentes, esses personagens somam sete e conduzem à visão da volta de Cristo (14.14-20). Os dois ciclos precedentes focalizavam os julgamentos que procediam do trono de Deus. Esse ciclo retrata em profundidade a natureza do conflito espiritual. Os personagens aparecem em forma simbólica para representar as forças presentes nos dois lados de uma guerra espiritual e cósmica.

\*\*\* **12.1-6** *Personagens principais: o povo de Deus versus Satanás.* O próprio Deus já foi revelado em 4.1--5.14. Satanás é retratado aqui como um dragão, enquanto mais tarde, nesse ciclo, seus agentes -- a besta (13.1-10) e o falso profeta (13.11-18; 16.13) -- apoiam sua oposição a Deus. Aqui, e nos versículos 13-17 o povo de Deus é retratado como uma mulher portadora de luz em conflito com Satanás. Mais tarde são imaginados como uma multidão casta, numerada e protegida (14.1-5). Essas duas figuras complementares mostram o povo de Deus em sua condição de testemunhas da luz de Deus e como aqueles separados da corrupção do mundo. Assim, os santos são exortados a permanecerem fiéis a Cristo (em oposição à perseguição da besta) e a permanecerem puros (em oposição à sedução da prostituta do cap. 17). As figuras simbólicas mostram os dois lados despidos de toda inconsistência e confusão, de modo que a natureza da guerra espiritual dos crentes possa ser mais bem compreendida (Ef 6.10-20). Os conflitos presentes serão suplantados pela paz de 21.1--22.5, quando a consumação dos planos de Deus for plenamente efetuada.

**12.1 uma mulher.** A simbologia traz à mente o sonho de José (Gn 37.9-10) e o retrato de Jerusalém trazendo à luz o Messias e seu remanescente (Is 54.1-4; 66.7-13; Mq 5.3). Os santos do Antigo Testamento estão coletivamente presentes. Maria, mãe de Jesus é incluída nesse grupo, mas apenas como um membro importante do grupo. A história posterior mostra que os santos do Novo Testamento também estão incluídos (v. 13-17). O personagem da mulher portadora de luz prefigura a glória da nova Jerusalém (21.11,22-27). Em seus privilégios, a igreja agora já participa das bênçãos que virão. Mas ainda é atacada por Satanás (veja a nota sobre 12.1--14.20).

**12.3 um dragão, grande, vermelho.** Identificado como Satanás, o diabo, no versículo 9. A imagem de um dragão retrata Satanás como enorme em seu poder e horrendo em sua inimizade contra Deus. Satanás constantemente se opôs aos planos de Deus e foi repetidamente derrotado pelos grandes atos do poder salvador de Deus (Gn 3.1,15; Sl 74 13-14; Is 27.1; 51.9-10; Lc 10.18; 11.14-23; Jo 12.31; Cl 2.15). Ele se levanta contra o Messias (v. 4-5) e contra os seus servos (v. 17), mas sofrerá destruição final (20.10).

**12.5 um filho.** Em cumprimento a Miquéias 5.3-5, Cristo nasceu, e seu triunfante governo sobre as nações certamente será estabelecido.

**12.6** Deus promete proteção para a igreja perseguida.

\*\*\* **12.7--14.11** *Seis histórias simbólicas.* Seis breves relatos metafóricos relacionam vários aspectos do conflito entre as forças de Deus e de Satanás: (1) o dragão (12.7-12); (2) a mulher (12.13-17); (3) a besta do mar (13.1-10); (4) a besta da terra: o falso profeta (13.11-18); (5) os cento e quarenta e quatro mil (14.1-5); e (6) três mensageiros angélicos (14.6-11).

\*\*\* **12.7-12** *O dragão.* A vitória de Cristo resulta em consequências devastadoras, começando com a expulsão de Satanás por Miguel, que funciona como um agente de Cristo. A passagem não fala da

queda inicial de Satanás, mas de sua derrota no tempo da crucificação e ressurreição de Cristo (v. 12; Jo 12.31; Cl 2.15).

**12.10-11** Veja *CM* 191; *CH* 31.

\*\*\***12.13-17** *A mulher*. Tendo falhado na tentativa de destruir Jesus (v. 4-5), o dragão tenta aniquilar o povo de Cristo. Ele usa sua boca, representando mentira e fraude (v. 9,15; 2Ts 2.9-10). Quando a mentira fracassa, ele emprega o poder de perseguição (12.17--13.10).

**12.14 um tempo, tempos e metade de um tempo**. Veja *CFW* 25.4.

\*\*\* **13.1-10** *A besta que emerge do mar*. O Antigo Testamento representa o mar como a habitação de monstros (cf. Jó 7.12; 41.1; Sl 74.13; 89.9-10; Is 27.1). A besta emergindo do mar representa o poder de perseguição, especialmente o poder de um estado demoníaco. A monstruosa mistura de características demonstram tanto a ferocidade quanto o aspecto repulsivo da besta. Ela é abominável. As pessoas poderiam ser aterrorizadas até à submissão, mas quem desejaria genuinamente adorar essa massa de fealdade? O mundo rebelde fica fascinado pelo seu poder (v. 4), mas os cristãos têm seus olhos abertos por essa e outras revelações bíblicas.

A besta combina características das quatro bestas de Daniel 7.1-8, 17-27, as quais representam reinos idólatras. Essa besta do Apocalipse deve ser um reino terreno que os representa. Assim, as perseguições oficiais contra Daniel e seus amigos sugerem a natureza da perseguição que as sete igrejas devem enfrentar vinda do poderio romano (e possivelmente sugerem perseguições de tempos posteriores). Na Ásia Menor, oficiais locais ameaçavam matar os cristãos se eles se recusassem a adorar o imperador romano. Uma oposição semelhante ao culto divino ocorrerá imediatamente antes do retorno de Cristo (2Ts 2.4). As perseguições acontecem esporadicamente no intervalo desses dois tempos (Mt 24.9; 2Tm 3.12-13; 1Pe 4.12-19). Segunda Tessalonicenses 2.7-8 parece sugerir tanto um padrão repetido de perseguição satânica como uma deflagração climática e final. Os cristãos não devem se admirar por essas pressões. Se necessário, devem enfrentar o martírio, sabendo que Deus está no controle, e que seu triunfo é certo.

A besta é uma imitação de Cristo. Observe os seguintes paralelos: (1) a besta que Satanás produziu é uma imagem de Satanás (v. 1), assim como Cristo é a imagem exata de Deus, gerado pelo Pai (Sl 2.7; Cl 1.15; Hb 1.3). (2) A besta tem dez coroas, enquanto Jesus Cristo tem muitas coroas (19.12). (3) A besta tem nomes blasfemos escritos sobre ela, enquanto Cristo tem um nome digno, desconhecido de todas as outras pessoas, escrito sobre ele (19.2). O dragão dá à besta o seu poder, seu trono e grande autoridade (v. 2), assim como a Cristo é dado poder (5.12-13), um trono (3.21) e autoridade (12.10) vindos do Pai (Jo 5.21-23). (4) A besta tem uma ferida aparentemente fatal da qual ela se recupera -- uma encenação falsificada da ressurreição de Cristo (v. 3). A cura da besta é uma das características principais que atraem seguidores, assim como a ressurreição de Cristo é um dos pontos principais da proclamação evangelística. (5) O culto é dirigido tanto ao dragão quanto à besta, assim como os cristãos cultuam tanto o Pai como o Filho (Jo 5.23). (6) A besta atrai o culto do mundo todo (v. 3), assim como Cristo deve ser adorado universalmente. (7) A besta profere blasfêmias, enquanto Cristo profere louvores a Deus (Hb 2.12). (8) A besta guerreia contra os santos, enquanto Cristo guerreia contra a besta (19.11-21). O canto de louvor da besta no versículo 4 simula o canto a Deus, o guerreiro em Êxodo 15.11. A surpreendente justaposição entre Cristo e a besta em 19.11-21 mostra que eles são os dois principais guerreiros na batalha. Cristo é o guerreiro divino, que cumpre a simbologia de Êxodo 15.3 (veja também Is 59.16-18; 63.1-6; Hc 3.3-15; Zc 9.13-16; 14.1-5). A besta é o guerreiro perverso e falso que cumpre as imagens de Daniel 7.1-8.

O próprio Satanás tenta duplicar Deus, o Pai. Empenha-se numa pretensa criação na qual produz uma imagem de si mesmo tirada das águas caóticas (v. 1; veja o paralelo em Gn 1.2). De modo semelhante, o falso profeta, ou a besta da terra, falsifica o trabalho do Espírito Santo (veja a nota sobre os v. 11-18).

Juntos, Satanás, a besta e o falso profeta formam uma trindade profana (16.13). Satanás, como um enganador, está sempre tentando fazer com que seus caminhos pareçam atraentes (2Co 11.14-15). O perigo está no fato de que suas falsificações muitas vezes parecem muito próximas da verdade e os crentes podem confundir uma com a outra. Mas quando a revelação abre os olhos dos crentes, eles vêem um mundo de diferença entre os horrores de Satanás e as belezas de Deus. Os crentes podem estar confiantes porque Satanás é apenas um imitador, não um criador e suas produções são sempre bestiais e degeneradas, como ele mesmo. Bestas devem recuar diante de Cristo, o Rei (19.11-21). Outra figura falsificada é Babilônia, a prostituta, que é uma imitação da noiva de Cristo (veja a nota sobre 17.1--19.10).

**13.6** Veja CFW 25.6.

**13.7 pelejasse contra os santos.** A besta exige culto (v. 8) e, quando os santos recusam submeter-se, eles são martirizados. Mas apesar de seu aparente fracasso, os mártires gozam vitória com Cristo tanto imediatamente (6.9-11) quanto depois, quando suas orações pela derrota final da besta forem respondidas (19.11-21). **tribo, povo, língua e nação.**

**13.8 Livro da Vida.** Esse livro é um rol celestial com os nomes daqueles destinados à nova vida (veja a nota sobre 3.5) por meio do sangue de Cristo (5.9). Em meio à perseguição contra o imenso poder da besta, os crentes podem encontrar segurança na garantia dada por Deus a respeito de sua cidadania celestial (17.8; 20.12,15; 21.27). Uma garantia semelhante é encontrada em 7.1-17. Veja CFW 8.6.

**13.10 perseverança.** Veja a nota sobre 1.9.

\*\*\***13.11-18 A besta que emerge da terra: o falso profeta.** A besta que emerge da terra, também chamada o falso profeta (16.13; 19.20; 20.10), funciona como propagandista da besta. Suas atitudes simulam o testemunho do Espírito Santo (cf. a nota sobre os v. 1-10). Ele quer que o povo adore a besta e não a si mesmo, assim como o Espírito Santo glorifica a Cristo e não a si mesmo (Jo. 16.14). O falso profeta faz enganosos sinais miraculosos, simulando os milagres do Espírito Santo (v. 13-14). Ele coloca nos seus súditos uma certa marca (v. 16), assim como os cristãos são selados com a marca do Espírito Santo (Ef 1.13). N Ásia Menor do século 1º., os principais propagandistas teriam sido os sacerdotes do culto ao imperador e a “Comuna da Ásia”, um concílio composto por importantes representantes da cidade que promoviam lealdade ao imperador. Em nossos dias, os governos totalitários também arrolam propagandistas. Imediatamente antes do retorno de Cristo, simulacros de milagres acompanharão os aparecimentos do “iníquo” (2Ts 2.9). O falso profeta encarna um padrão que se repete.

**13.12-17** Ver CFW 20.2; 23.4.

**13.16 marca.** A marca da besta é uma imitação fraudulenta do selo com o nome de Deus dado aos santos (7.2-8; 14.1; Ez 9.4-6). A besta possui aqueles que levam a sua marca; eles são seus escravos (14.9; 19.20; 20.4). Especulações a respeito de uma marca visível são irrelevantes.

**13.18 seiscentos e sessenta e seis.** O número seiscentos e sessenta e seis não alcança a completude divina do sete. Durante o tempo de Domiciano, o imperador Nero havia se tornado uma figura tradicional do anticristo, e “seiscentos e sessenta e seis” provavelmente já era conhecido como sendo um valor numérico associado ao nome em hebraico de Nero César. Assim, o número designa ou o próprio Nero (se aceitarmos uma data anterior para Apocalipse) ou uma figura posterior que imitasse a iniquidade de Nero. Muitos têm tentado identificar o anticristo final tomando esse número por base, mas suas ligações com Nero e o simbolismo de não alcançar a perfeição do sete podem ser seu único significado. Os crentes devem estar sempre vigilantes quanto ao retorno de Cristo sem cair na insensatez de marcar datas (Mt 24.36-51).

\*\*\***14.1-5** *Os cento e quarenta e quatro mil.* Estes representam o número total de santos (veja a nota sobre 7.4-8). Formam um conjunto sacerdotal consagrado para oferecer louvores a Deus no monte Sião.

**14.4 castos.** O simbolismo sexual é usado para indicar pureza espiritual. Os seguidores fiéis de Cristo se mantêm afastados de Babilônia, a prostituta e, como sua noiva pura, são leais exclusivamente a Cristo (19.7-8; Ef 5.26-27). Pureza no comportamento sexual é incluído como um elemento necessário nessa pureza total (1Co 6.15-20).

\*\*\***14.6-11** *Três mensageiros angélicos.* Os três anjos aparecem de modo harmônico conceitualmente formando uma imagem única, unida, com uma tripla mensagem.

**14.6 cada nação, e tribo, e língua, e povo.** Veja a nota sobre 5.9.

**14.8 grande Babilônia.** Veja a nota sobre 17.1--19.10. **vinho... da sua prostituição.** Imoralidade sexual e idolatria, que é adultério espiritual, eram as maiores tentações das sete igrejas (veja a nota sobre 2.20). O efeito da imoralidade e da idolatria, como o da embriaguez, é vergonha, loucura e degradação (17.2,4; 18.3; 19.2; Pv 9.13-18; Jr 51.7).

**14.9 a besta.** Veja a nota sobre 13.1-10. **sua marca.** Veja a nota sobre 13.16.

\*\*\***14.12-13** *O cuidado pelos santos.* Por entre as advertências e julgamentos das sete histórias vem essa certeza do cuidado pelos crentes.

**14.13** Veja CFW 21.4; CM 85,90.

\*\*\***14.14-20** *Sete histórias simbólicas: um semelhante a filho de homem.* Uma descrição da segunda vinda como a colheita presidida pelo Filho do Homem (Jl 3.12-16; Mt 13.36-43). Esse “semelhante a filho de homem” é Jesus Cristo (1.13; Dn 7.13-14). Duas colheitas são descritas: grãos (v. 14-16) e uvas (v. 17-20). Estes são, talvez, dois aspectos do mesmo acontecimento de julgamento. Ou, a colheita de grãos pode ser a colheita dos justos (Lc 3.17) e a de uvas, a colheita dos ímpios.

**14.17** Veja CB 37.